

O assalto

Escritor: Eduardo Aguilar

Juliana parou o carro no sinal vermelho. O que é que estava a pensar naquele momento? Nos dias seguintes só isso a afligia. Ela assegura que tinha acabado de descobrir alguma coisa muito importante. Mas como se achava meio adormecida – depois de doze horas de trabalho na urgência do hospital –, o mais provável é que não tivesse importância nenhuma.

(Uma noite sonhei que um gato, grande como um boi, me segredava um verso. No meu sonho era um verso extraordinário. Tudo o que tinha escrito antes, desde os meus vinte anos, não valia aquele verso. Lutei para acordar. Acreditei que me levantava, várias vezes, para logo descobrir que continuava mergulhado nas águas fundas do sono. Finalmente consegui abrir os olhos, sentei-me na cama, encontrei um lápis na mesinha de cabeceira e rabisquei o verso na capa de um livro – *The Big Sea*, de Langston Hughes. Acordei na manhã seguinte com a boca amarga e o sentimento inquietante de que alguma coisa de assombroso havia acontecido. Lembrava-me do sonho, do gato pastando num prado imensamente verde, mas não do verso. Felizmente, pensei, tinha-o escrito. Agarrei no livro e li: “o dia estava tão cheio de cebolas”).

Regresso àquele instante em que Juliana, agarrando-se ao volante com a força do desespero, para que não a arrastasse a correnteza do sono, parou o carro no sinal vermelho. Pensaria, talvez, em cebolas. Ou não: podemos aceitar que, como ela insiste, havia descoberto algo de transcendente. Não o saberemos

nunca. A porta direita abriu-se e um garoto dos seus quinze anos, com o corpo volátil de uma bailarina clássica, entrou no carro. Quando Juliana percebeu havia mais dois rapazes no banco de trás.

A madrugada espreguiçava-se sobre a cidade. As garças dormiam ainda, elegantíssimas, nos ramos das casuarinas. As águas da lagoa brilhavam de torpor. Jesus Cristo flutuava, de costas, iluminado pela luz melancólica dos projectores. Juliana percebeu que não podia contar com ele. O rapaz, ao seu lado, mostrou-lhe um revólver:

– É o seguinte, simpatia, ou você passa a carteira ou mando bala.

Juliana descansou o rosto no volante. Nas últimas doze horas tinha visto muita coisa: meninas arrancadas à feroz inépcia de abortadeiras de favela, uma velhinha estuprada, homens cortados à faca, um jovem com duas balas alojadas na coluna depois de uma briga sem pretexto num botequim. Viveria. Viveria para sempre numa cadeira de rodas.

– E aí, Pretinho? – sussurrou um dos garotos. – Parece que a moça dormiu.

– Qual é, mano! – espantou-se o outro. – Maior falta de respeito. Onde já se viu adormecer durante um assalto?

Dormir seria bom. Juliana voltou-se na direcção do rapaz:

– Quer saber de uma coisa? Eu sou médica, não tenho medo de morrer. Meu medo é ficar aleijada. Vou agarrar essa pistola e colocar em cima do meu coração. Então você pode atirar.

Desabotoou a blusa, agarrou na mão do rapaz, espantada com a sua própria firmeza, e colocou o revólver contra o peito.

– Me mata!

O menino olhou-a com susto:

– Mato coisa nenhuma, tia, que é isso?

– Não vai matar?! Então fora do meu carro!...

– Vamos embora Pretinho – implorou um dos rapazes, – a moça está é muito doida.

Saíram os três. Juliana ficou sozinha. O que é que estava a pensar antes de ser interrompida? Nos dias seguintes só isso a afligia.